

12 NOV 1967

AVCP3

## O desastrado senador da CNI ESTADO DE SÃO PAULO

Para ser aprovada por escassa maioria, contou com uma adesão valiosa a emenda do deputado Fernando Santana (Partido Comunista Brasileiro — Bahia), impedindo que empresas como Shell, Esso, Atlantic e Texaco distribuam derivados de petróleo, cujo mercado ficará — a juízo da Comissão de Sistematização da Assembléia Nacional Constituinte — adstrito a empresas que tenham sede no País e maioria de capital brasileiro, desde que recebam a competente delegação do poder público. Essa adesão foi representada pelo voto, no total de 50, do presidente da Confederação Nacional da Indústria, senador Albano Franco, que já se notabilizara recentemente por outra adesão estapafúrdia, à emenda que contemplou com uma nociva estabilidade, conferida de mão beijada, os assalariados da empresa privada. É dose! Afinal, trata-se de alguém que teria por obrigação servir à causa da liberdade de empreender, mas se destaca por agredi-la, a ponto de receber palmas comunistas. Só no quadro surrealista destes dias se enquadraria procedimento tão reprovável, sem que sobrevenham sem delongas as conseqüências a que, normalmente, daria ensejo.

Não colhe a desculpa do senador

sergipano, de que estava *por fora* do que se deliberava. Como parlamentar, teria obrigação de informar-se corretamente; ou de, constatando o equívoco, depois de ler o texto da emenda, solicitar retificação de voto. Em outras condições de temperatura e pressão, valeria a tese de privação de sentidos, se o sr. Albano Franco se tivesse deixado apaixonar pela defesa de supostos interesses *nacionalistas*. Ou a atitude desastrada lhe teria sido soprada no ouvido por algum espírito malformado, frustrado, na entidade que encabeça? Sim, porque a CNI, de tempos para cá, se converteu em mosaico de tendências doutrinárias que são tão diversas que chegam a ser disparatadas. É preciso lembrar os nomes de alguns assessores que admitiu; e que o presidente do Conselho de Economia dessa entidade é o sr. Dilson Funaro. Dito isso, não será necessário acrescentar qualquer outro comentário; caberá apenas indagar se o sr. Franco está andando a reboque de assessores ou do ex-ministro da Fazenda.

Porque, afinal, por observância à retidão de consciência, não havia como apoiar o PCB e comprometer a imagem do empresariado brasileiro numa manobra estatizante. Na véspera, o senador fora fotografado e filmado compondo a mesa da reu-

nião da UBE. Horas mais tarde, deixava dúvida sobre se, lá, teria sido autêntico estranho no ninho, ombreado com líderes de empresas brasileiras de capital estrangeiro para, em seguida, deixar estarrecidos alguns deles, ao prestigiar no Congresso a corrente mais afeiçãoada à implantação do capitalismo de Estado no País.

O mal que está na origem de situações aberrantes como a que se avalla, diante do disparate das atitudes do senador Albano Franco, vem de muito longe no tempo: remonta ao malsinado Estado Novo, que outorgou a estrutura sindical de índole fascista que existe ainda hoje no Brasil. Daí a discriminação contra o Sul e o Sudeste, precisamente as duas regiões nas quais se pode reconhecer que funciona e tende a ampliar-se — se o capitalismo de Estado não se impuser definitivamente, superando os últimos obstáculos que tem pela frente — um processo de industrialização impulsionado pelo setor de maior progresso da economia nacional, que responde por boa parte da formação do Produto Interno Bruto. Mas não, dentro do espírito a que está submetida essa estrutura sindical, a CNI constitui capitania do Norte e do Nordeste, onde a indústria engatinha há muito tempo — como

quase tudo mais, exceto a explosão demográfica estimulada pelos aprendizes de feiticeiro que, sob desculpas variadas, querem que o excesso de população sem geração de riquezas opere como fator decisivo para o advento do caos.

Destarte, é no Norte e no Nordeste que se vão buscar paredros para responder pela CNI, com apoio do PC baiano... Pobre Brasil! Já não tem estadistas, procura de lanterna na mão homens públicos que o ajudem a sair das muitas crises em que se debate e ainda tem de assistir a demonstrações de incompetência — para dizer o menos — de políticos que se empoleiraram em entidades de classe da iniciativa privada, não para ajudá-la a livrar-se de seus algozes, e sim para trabalharem às escâncaras, como os próprios!

Não é escorraçando o capital particular, venha de onde vier, que este país quebrará os grilhões do subdesenvolvimento. O senador Albano Franco teria obrigação de saber disso; ou, pelo menos, na posição a que se alçou, de proceder como se soubesse. A menos que queira deixar tal posição, para dar uma demonstração de coerência. Por tudo isso, fazemos nossas as palavras do deputado Francisco Dornelles, ao cancelar o senador Franco.